

Tradição na era global: o futebol em poemas de cordel do século XXI

Tradition in the global era:
football in the poetry of cordel in the 21st century

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil
Doutor em Estudos Germanísticos, Freie Universität Berlin, Alemanha
cornelsen@letras.ufmg.br

RESUMO: O presente estudo visa a contribuir para o debate teórico acerca de poemas tidos como “literatura de cordel”, publicados na plataforma digital *Recanto das Letras*, que possibilitam refletir sobre as implicações que derivam da mudança do suporte tradicional – os folhetos impressos – para o meio digital, que altera não só a relação da veiculação e da recepção, que se torna potencialmente global, como também dos temas que tais poemas veiculam. Nosso enfoque recai sobre três poemas que tratam do tema do futebol, que formam nosso corpus de análise: *Cristiano Ronaldo x Messi*, postado por Eryka Giulyane em 16 de março de 2012, *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, postado por Sírlia Lima em 23 de junho de 2014, e *Messi e a final da Copa de 2022*, postado por Julio Augusto em 20 de dezembro de 2022.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição; Globalização; Folheto de cordel; Poesia popular; Plataforma digital.

ABSTRACT: The present study aims to contribute to the theoretical debate about poems considered “cordel literature”, published on the digital platform *Recanto das Letras*, which make it possible to reflect on the implications that derive from the change from the traditional support – printed chapbooks – to a digital medium, which changes not only the relationship between transmission and reception, which becomes potentially global, but also the themes that such poems convey. Our focus is on three poems that deal with the theme of football, which form our corpus of analysis: *Cristiano Ronaldo x Messi*, posted by Eryka Giulyane on March 16, 2012, *Neymar Junior: the time and destiny of a boy warrior*, posted by Sírlia Lima on June 23, 2014, and *Messi and the 2022 World Cup Final*, posted by Julio Augusto on December 20, 2022.

KEYWORDS: Tradition; Globalization; Cordel chapbook; Popular poetry; Digital platform.

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel, uma das manifestações populares mais significativas da cultura brasileira, “uma expressão da voz popular, da memória e da identidade nacional”,¹ não ficou alheia a outro fenômeno igualmente popular ou, melhor dizendo, que se popularizou no Brasil a partir da década de 1930: o futebol. São vários os cordéis que têm por tema aspectos ligados ao esporte bretão, seja para cantar as façanhas de um jogador, o desempenho vitorioso de um clube ou da Seleção, e também escândalos, preconceitos, crises e atos de violência, que envolvem o futebol brasileiro.

Em pesquisa recente, intitulada *Futebol e Literatura no Brasil – dos primórdios aos dias atuais* (2020-2023; CNPq), tomando por base de dados diversos acervos digitais e publicações impressas, efetuamos um levantamento de folhetos de cordel que contemplam o tema do futebol. Embora lacunar devido ao caráter peculiar de circulação dos folhetos impressos, o inventário resultante da pesquisa, com um total de 160 títulos, nos permite uma série de inferências.

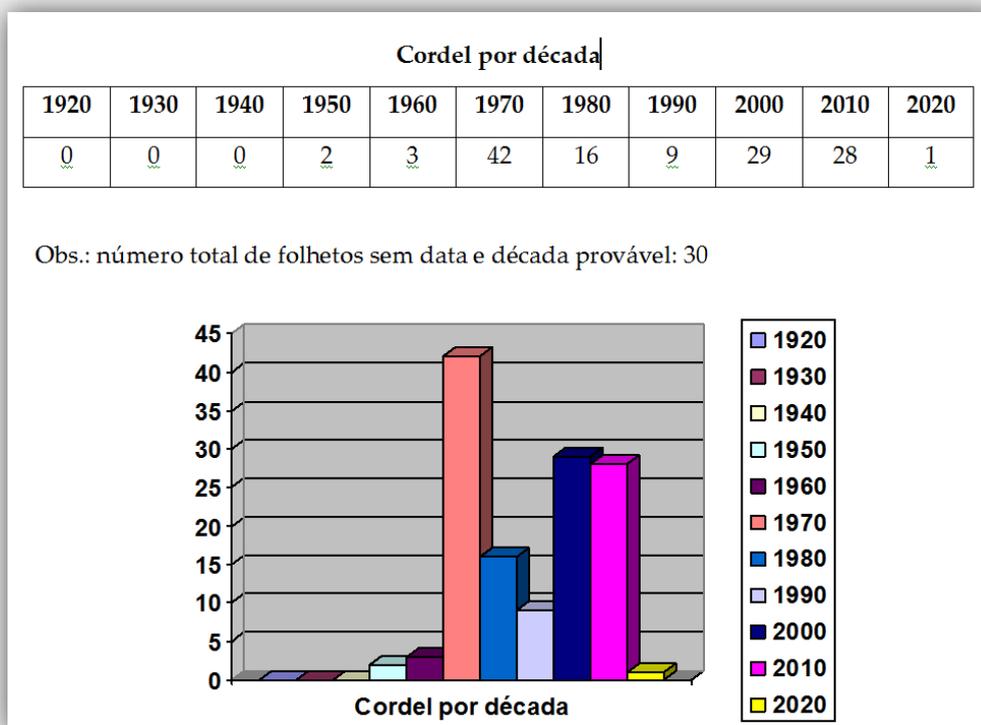


Fig. 1: tabela e gráfico elaborados pelo autor.

¹ MELO. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil, p. 245.

Conforme pode ser observado na tabela e no gráfico abaixo, o ápice de publicações de folhetos de cordel que contemplam o tema do futebol foi atingido na década de 1970, muito por conta do triunfo da Seleção Brasileira ao conquistar o tricampeonato mundial na Copa do México. Certamente, o futebol passou a inspirar cordelistas desde o final da década de 1950, com a conquista do primeiro mundial em 1958, na Suécia, e mesmo em décadas mais recentes, verifica-se que o elevado número atingido na década de 1970 não voltou a se repetir.

TOTALIZAÇÃO	
Gênero Textual/Literário	Total de obras
Romances	54
Contos (antologias e livros de autor)	43
Autobiografias	95
Biografias	269
Cordel	160
Poesia	34
Ilustração e Quadrinhos	50
Teatro	9
Literatura Infantil e <u>Infantojuvenil</u>	308
Crônica	213
Coletâneas de mais de um gênero textual/literário	20
TOTAL	1.255

Tabela 1: tabela e gráfico elaborados pelo autor.

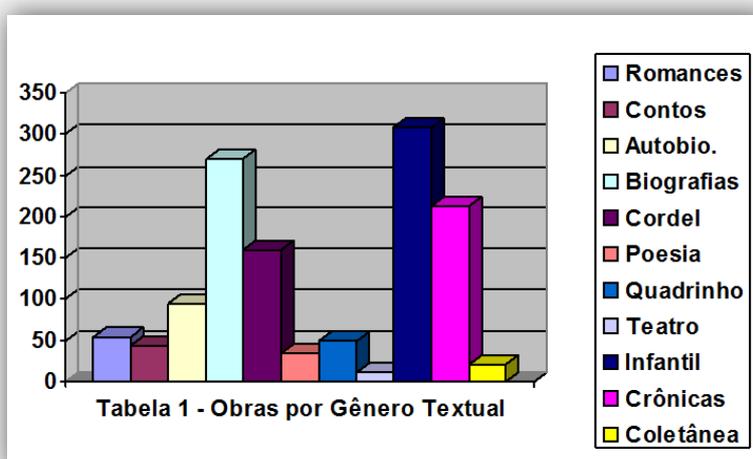


Fig. 2: Gráfico elaborados pelo autor.

No conjunto das obras pesquisadas, o gênero cordel representou um total de 160 títulos, sendo o 4º gênero mais contemplado com o tema do futebol, atrás da literatura infantil e infantojuvenil com 308 títulos, da biografia com 269 títulos e da crônica (crônicas publicadas em livros autorais e coletâneas), com 213 títulos (Tabela 1).

Uma das inferências resultantes dessa pesquisa em relação à literatura de cordel é o significado da conquista dos três primeiros títulos mundiais pela Seleção Brasileira, que inspiraram e impulsionaram sobremaneira a publicação de folhetos de caráter laudatório desde o final da década de 1950, em que encontramos, entre outros, folhetos como *Copa do Mundo 1962* (196-), de Raul de Carvalho, *O Brasil na Copa do Mundo* (196-), de Cuíca de Santo Amaro, *A vitória do Brasil* (19--), de João Severo de Lima, *O Brasil tricampeão* (197-), de José João dos Santos (Azulão), *Brasil, tricampeão do mundo* (197-) e *Brasil Tricampeão de Futebol* (19--), de Manoel d'Almeida Filho. Conforme se observa, é difícil precisar a datação de vários folhetos, principalmente aqueles publicados até a década de 1980, algo que o cordelista e teórico Franklin Maxado, conhecido como “Maxado Nordestino”, assinala com propriedade: “A data de um folheto ou de uma poesia oral também constitui dificuldade para sua determinação, pois a maioria dos poetas ou as editoras não a registram nas edições. Os antigos não colocavam lugar e até mesmo a autoria nos folhetos”.²

Todavia, o gênero textual cordel também não ficou incólume às transformações oriundas da era das plataformas digitais. Um exemplo disso é o portal *Recanto das Letras* (<https://www.recantodasletras.com.br>), tanto como espaço de divulgação, quanto como suporte para que jovens escritores contribuam com textos em diversos gêneros. De acordo com informações disponíveis na aba “Política Editorial”,

[o] Recanto das Letras é uma plataforma idealizada para facilitar a publicação e o compartilhamento de conteúdos de natureza poética, artística, informativa e educacional. [...] Os conteúdos enviados pelos usuários não passam por avaliação prévia e são publicados automaticamente, mas o Recanto das Letras poderá alterar a classificação ou apagar posteriormente e sem aviso prévio o que considerar inadequado, de acordo com o seu exclusivo critério.³

² MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 53.

³ RECANTO DAS LETRAS. Política Editorial, s/d.

Além dos textos em diversos gêneros e tipos textuais, contendo 50 “categorias de texto”, o portal *Recanto das Letras* integra também as páginas da Editora, da Livraria e da Rádio Recanto das Letras.

Nesse sentido, como parte da pesquisa desenvolvida atualmente, intitulada *Futebol e Literatura de Cordel – encontro de duas artes populares (2023-2026; CNPq)*, nossa contribuição visa a possibilitar reflexões sobre tais transformações resultantes da relação entre tradição e globalização, tendo em mente que a literatura de cordel se estabeleceu no Brasil como sistema literário a partir do final do século XIX, cujas origens possuem raízes lusitanas que remontam à Idade Média e elementos culturais das matrizes indígenas e africanas, sobretudo em relação à oralidade, junto aos menestréis e cantadores lusitanos.⁴ Conforme aponta Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, a literatura de cordel enquanto poesia popular original do Nordeste brasileiro, posteriormente composta e difundida também em outras regiões do país, resultou “num patrimônio vocal que carrega heranças europeias, africanas, indígenas e árabes, congregadas em uma grande família”.⁵

A TRADIÇÃO DO CORDEL

Inicialmente, para este estudo, adotamos a definição de tradição proposta por Caroline Kraus Luvizotto, fundamentada a partir de Max Weber, Eric Hobsbawm, Anthony Giddens e Marshall Sahlins, que consideramos pertinente para uma reflexão sobre a literatura de cordel:

Entende-se a tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma.⁶

⁴ BRITO. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*, p. 39; PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 28; MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 12-13.

⁵ MENESES. *A literatura de cordel como patrimônio cultural*, p. 228.

⁶ LUVIZOTTO. *A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia*, p. 65.

De acordo com essa pesquisadora, “[a] ordem social baseada na tradição expressa a valorização da cultura oral, do passado e dos símbolos enquanto fatores que perpetuam a experiência das gerações, e, nesse sentido, conhecer é ter habilidade para produzir algo e está ligado à técnica e à reprodução das condições do viver”.⁷

Considerada pelo viés da tradição entendida aqui nesses termos, a literatura de cordel possui um substrato de origem marcante: a oralidade. De geração em geração, a memória popular garantia a transmissão e a conservação de histórias tradicionais em forma de poesia oral.⁸ Não é por acaso que a literatura de cordel também se associe ao cancionário popular, como bem aponta Antonio Iraildo Alves de Brito:

Cantoria e cordel podem ser considerados como duas manifestações artísticas inseparáveis. Um e outro têm a mesma fonte: são essencialmente orais. Claro que literatura de cordel, como o próprio nome indica, tem mais relação com a escrita. Mas ambas são literatura oral, compostas para serem declamadas.⁹

No famoso poema de João Cabral de Melo Neto, publicado em *A escola das facas* (1980) e intitulado “Descoberta da literatura”,¹⁰ encontramos versos que transmitem uma série de características da literatura de cordel, “a narratividade, o verso em redondilha maior, o tom monorrítmico”,¹¹ incluindo a própria oralidade, num tom que marca a “rememoração da infância” em “uma clara dimensão autobiográfica”¹² do eu lírico, entre o menino que lê e os trabalhadores do engenho sem letramento, que querem ouvi-lo recitar os versos de um “romance de barbante”:

No dia-a-dia do engenho,
toda a semana, durante,
cochichavam-me em segredo:
saiu um novo romance.
E da feira do domingo
me traziam conspirantes
para que os lesse e explicasse
um romance de barbante.

⁷ LUVIZOTTO. A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia, p. 65-66.

⁸ PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 25.

⁹ BRITO. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*, p. 46.

¹⁰ MELO NETO. *Descoberta da literatura*, p. 447-448.

¹¹ MARTINS. *Poesia, experiência e autobiografia*, p. 476.

¹² MARTINS. *Poesia, experiência e autobiografia*, p. 469-470.

[...]
Sentados na roda morta
de um carro de boi, sem jante,
ouviam o folheto guenzo,
a seu leitor semelhante,
com as peripécias de espanto
predita pelos feirantes.
[...]
que o leitor que lia aquilo
como puro alto-falante,
e, sem querer, imantara
todos ali, circunstantes,
receava que se confundissem
o de perto com o distante,
o ali com o espaço mágico,
[...]¹³

Portanto, a literatura de cordel está ligada à voz, pois “os folhetos surgiram e desenvolveram-se através de ‘performances’ orais”.¹⁴ Conforme aponta a pesquisadora Rosilene Alves de Melo, “o folheto impresso se tornou o suporte dessa forma poética até então marcada pela oralidade”.¹⁵ Além disso, a literatura de cordel possui alguns traços característicos. Além de se originar da oralidade, apresenta determinados aspectos formais que lhe aproximam do repente, um dos principais gêneros musicais do cancioneiro nordestino: estrofação em sextilhas ou septilhas; métrica em redondilha maior, com sete sílabas poéticas; rimas nos versos pares, formando a sequência a-b-c-b-d-b, nas sextilhas, permanecendo os versos ímpares como versos brancos; rimas deslocadas nos versos 2, 4 e 7, e rimas paralelas nos versos 5 e 6, nas septilhas, formando a sequência a-b-c-b-d-d-b. Segundo Antonio Iraildo Alves de Brito, “[a]s estrofes, a métrica, as rimas marcam o ‘índice de oralidade’, a voz em potência no texto”.¹⁶ E o estudioso da poesia popular é categórico ao afirmar: “Há regras, inclusive rígidas, a serem observadas”. E a própria designação de poemas classificados como literatura de cordel é geograficamente diversa, conforme ressalta Franklin Maxado: “Estritamente, então, a Literatura de Cordel é

¹³ MELO NETO. *Descoberta da literatura*, p. 447-448.

¹⁴ BRITO. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*, p. 47.

¹⁵ MELO. *Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil*, p. 248.

¹⁶ BRITO. *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra*, p. 54.

o nome desses livrinhos que ainda são conhecidos por abecês, folhetos, romances, e estórias. Ou ‘pasquim’ ou ‘pisquim’, no norte de Minas Gerais”.¹⁷ Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses apresenta argumento semelhante ao afirmar que há uma variação considerável de designações para o cordel: “as denominações variam segundo várias categorias, conforme o suporte (folheto, ‘foieto’, livro, folhinha, romance), tradição (folheto antigo), lugar (arrecifes, poesia da rua), editores (livro de Athayde), conteúdo (histórias de João Grilo), origem social (poesia de matuto) e assim por diante”.¹⁸ Inclusive, esse pesquisador apresenta uma variação maior do número de versos em termos de estrofação na literatura de cordel, embora, tradicionalmente, sextilhas e septilhas sejam predominantes em folhetos impressos: “as mais correntes são a parcela, a quadra, a sextilha, a setilha, as oitavas, as décimas”.¹⁹

Quanto à tipologia, inicialmente, tomando por base critérios propostos pela pesquisadora Marlise Meyer,²⁰ os folhetos podem ser “noticiosos” – baseados em reportagens da mídia sobre determinado fato ou evento acontecido ou que está para acontecer, ou celebridade, em geral, correspondendo a 08 ou 16 páginas, e “romances” – com tratamento temático amplo sobre histórias fictícias e figuras míticas, de 32 ou 64 páginas, sempre em um número correspondente à dobradura da folha de papel, em múltiplo de quatro. O mesmo é reiterado por Franklin Maxado, que se refere aos folhetos de 08 ou 16 páginas como aqueles que “tratam de fatos circunstanciais”, enquanto os folhetos de 32 ou 64 páginas “tratam de enredos de bravuras de amor, etc.”, além de indicar que o tamanho padrão dos folhetos é “de onze por dezesseis centímetros”.²¹ Outro pesquisador que apresenta tipologia semelhante em seu estudo sobre literatura de cordel é o brasileiro norte-americano Marc Curran:

A literatura de cordel é uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil. Consiste, basicamente, em longos poemas narrativos, chamados “romances” ou “histórias”, impressos em folhetins ou panfletos de 32 ou, raramente, 64 páginas, que falam de amores, sofrimentos ou aventuras, num discurso heroico de ficção. Esta é uma parte significativa

¹⁷ MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 42.

¹⁸ MENESES. A literatura de cordel como patrimônio cultural, p. 228.

¹⁹ MENESES. A literatura de cordel como patrimônio cultural, p. 228.

²⁰ MEYER. *Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia...*, p. 3-4.

²¹ MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 42.

do cordel em termo de número de poemas publicados, mas nem de longe representa todo o gênero. Um segundo tipo de impresso, o folheto de oito páginas de poesia circunstancial ou de acontecido, também contribui para o ‘corpus’ total, completa o quadro do duelo, chamado “peleja”, “desafio” ou termo equivalente. Assim, o cordel tem características tanto populares quanto folclóricas, ou seja, é um meio impresso, com autoria designada, consumido por um número expressivo de leitores numa área geográfica ampla, enquanto exhibe métricas, temas e ‘performances’ da tradição oral. Além disso, conta com a participação direta do público, como plateia.²²

Por sua vez, em termos de tradição, a classificação temática é aquela que representa um maior desafio para os pesquisadores. Franklin Maxado, por exemplo, propõe “uma classificação eclética de quem estuda e de quem é profissional da poesia de cordel”: “A classificação proposta leva em conta a maioria do conteúdo do folheto e o traço estilístico do autor”.²³ Dentre mais de 20 ciclos temáticos, um recebe destaque especial: “folhetos de época ou ocasião”; “De todos os ciclos, este é o mais jornalístico”, “pois abordam, noticiam, comentam, satirizam, interpretam, criticam ou opinam sobre fatos acontecidos e que têm interesse para a comunidade”.²⁴ Outro pesquisador que arriscou delimitar “núcleos temáticos” na literatura de cordel é Ivan Cavalcanti Proença:

- desafios,
- estórias relacionadas com ritos, religião, cerimônias,
- banditismo (Lampião, por exemplo),
- fatos locais,
- pornografia,
- temas de literatura e história universais.²⁵

Todavia, de acordo com a brasilianista norte-americana Candace Slater, “[o] problema básico dessas categorias é serem amorfas. Se bem que possam ser definidas de certa forma por meio de subdivisão, este processo muitas vezes suscita mais problemas do que os que soluciona”.²⁶

Além dos aspectos formais e temáticos, dentro da tradição, o folheto de cordel exhibe em sua capa não só o título e o nome do cordelista, como também alguma imagem, em geral, uma xilogravura, de autoria de um xilógrafo popular ou do pró-

²² CURRAN. *História do Brasil em cordel*, p. 17-18.

²³ MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 53.

²⁴ MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 53-54.

²⁵ PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 47.

²⁶ SLATER. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*, p. 69.

prio cordelista, mas também reprodução de fotografias em clichês de impressão. Segundo Franklin Maxado, “os editores notaram que, com figuras, poderiam os folhetos chamar mais atenção e, conseqüentemente, vender mais. Assim, começaram a encomendar gravações em madeira, retratando os personagens ou passagens mais marcantes da estória”.²⁷ E de acordo com o pesquisador e artista plástico Antonio Fernando Costella, “os modestos folhetos de cordel encontraram na xilografia um recurso de ilustração que revelou-se acessível, barato e eficiente para enriquecer-lhes as capas”, criando “as bases de um ‘design’ popular e sertanejo”.²⁸ Além disso, ao longo do tempo, as contracapas passaram também a desempenhar função fundamental, conforme aponta Marlise Meyer:

As contracapas são também muito importantes no folheto, pois constituem uma útil fonte de informações. Podem trazer nome, endereço e até fotos do autor e também conselhos patrióticos, avisos diversos, propagandas de horóscopos e almanaques, quando não de casas comerciais e remédios.²⁹

Sem dúvida, a composição de capas e contracapas foi se alterando ao longo das décadas, porém, estas passaram a compor as características do folheto de cordel em sua tradição. Para Marlise Meyer, as contracapas são fundamentais em termos de pesquisa: “É, portanto, através das contracapas que o mundo do cordel pode ser catalogado. Aliás, é pelas contracapas que se tem acesso, praticamente, a este mundo, tal a riqueza de dados variados que apresentam”.³⁰

Um último traço que diz respeito à tradição seria a circulação de folhetos de cordel, originalmente comercializados em feiras e apregoados por “folheteiros” ou pelos próprios cordelistas. De acordo com Franklin Maxado, “[a] figura do folheteiro está intimamente ligada à da feira livre, como um bom vendedor e artista, distrai o povo e vende o folheto”.³¹ No início dos anos 1980, Marlise Meyer descreveu a circulação de folhetos da seguinte maneira:

No Rio de Janeiro e São Paulo, os poetas migrantes retomam suas origens: vão à Feira de São Cristóvão (Rio) ou ao Largo da Concórdia (São Paulo),

²⁷ MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 48.

²⁸ COSTELLA. *Literatura de cordel e xilogravura*, p. 60; p. 62.

²⁹ MEYER. *Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia...*, p. 4.

³⁰ MEYER. *Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia...*, p. 5.

³¹ MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 45.

narrando feitos e fatos à moda nordestina. Também nas grandes feiras cotidianas das capitais do Nordeste (Mercado de São José, em Recife; Passarinho, em Maceió; Alecrim, em Natal), em todas as feiras regionais espalhadas pelo interior, nas portas das igrejas, nas estações, em bancas fixas ou espalhadas pelo chão, encontram-se os folhetos de cordel expostos à venda, “a cavalo” num barbante, ou amontoados em cima de um caixote.³²

Nessas oportunidades, seja a “palo seco”,³³ sem acompanhamento musical, ou ao som da viola, folheteiro ou cordelista declamaria alguns versos para chamar a atenção do público presente às feiras, para que estes se motivassem a adquirir o folheto. Desde o final do século XIX, era comum que folhetos fossem pendurados em barbantes, “cordéis”, para serem exibidos e comercializados em feiras.³⁴ Os títulos e as capas também serviam de chamariz para o público, sendo que muitos dos frequentadores das feiras não possuíam letramento, mas ficavam fascinados com a declamação dos folheteiros e cordelistas, a ponto de levarem para casa folhetos, para que alguém da família que soubesse ler pudesse declamar os versos. Portanto, tradicionalmente, o cordel possuía também um caráter didático, algo determinado pelo próprio meio em que se estabeleceu e foi difundido: “Disso, advém uma das razões por que o nordestino fala arrastado e cantado, geralmente com frases septassílabas, Muitos até aprenderam a ler com o folheto, fazendo este o papel de cartilha. Ou, propriamente dito, de abecê, quando antigamente era raro escola no sertão e no meio rural”.³⁵

O CORDEL NA ERA DIGITAL

Neste estudo, que se pauta pelo enfoque da tradição da literatura de cordel na era global, decidimos pensá-la a partir de uma das cinco vertentes de pesquisa no âmbito dos Estudos Culturais, formulada por Maria Manuel Baptista, pesquisadora da Universidade de Aveiro:

[...] estudo dos fenómenos relacionados com a Globalização, articulando-a com questões de desterritorialização da cultura, movimentos transnacionais de pessoas, bens e imagens. Neste domínio tem sido ainda objecto de

³² MEYER. *Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia...*, p. 4.

³³ MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 44.

³⁴ COSTELLA. *Literatura de cordel e xilogravura*, p. 60.

³⁵ MAXADO. *O que é literatura de cordel?*, p. 45.

pesquisa a nova sociedade em rede, fenómenos de terrorismo, choques civilizacionais, a crise ambiental global, entre outras temáticas.³⁶

Ao considerarmos “a nova sociedade em rede” enquanto “fenômeno relacionado com a Globalização” para enfocarmos, especificamente, em seus desdobramentos para a literatura de cordel, adotamos, portanto, um viés culturalista. Nesse sentido, o geógrafo Milton Santos afirma que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”.³⁷ Embora o escopo seja amplo, passando por questões de “hipermercantilização” e “hiperconsumo” nos termos propostos por Gilles Lipovetzky,³⁸ focamos especificamente em questões de ordem tecnológica e comunicacional, na chamada “era digital”. Dalton Lopes Martins define “cultura digital” como “um conjunto de práticas sociais que acontecem de forma singular no espaço social digital”.³⁹ O “digital” teria como fundamento a sua capacidade singular de manipulação simbólica automática, o que a diferencia em relação a todos os outros suportes de manipulação que já foram antes desenvolvidos pelo ser humano”.⁴⁰ No nosso caso específico, consideramos as práticas sociais da cultura digital que “demandam novos suportes tecnológicos interacionais que permitem a manipulação de documentos, de objetos multimídia, de transformações informacionais e de manipulação de fluxos comunicacionais altamente flexíveis”.⁴¹

Portanto, podemos pensar as plataformas digitais como diretamente associadas a “práticas informacionais” que “ampliaram a capacidade de acesso das pessoas a essas formas de estruturação de significado produzidas por outras pessoas, que nem sequer se teria a possibilidade de um dia ter contato”.⁴² Trata-se, pois, de “formas sociais de apropriação de seus recursos técnicos”, que implicam “modos de transformação simbólica que dão passagem às novas formas de socialização”.⁴³ Em termos de teoria social da mídia, corroboramos a seguinte afirmação de John B.

³⁶ BAPTISTA. Estudos Culturais: o que e o como da investigação, p. 457.

³⁷ SANTOS. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, p. 273.

³⁸ LIPOVETSKY. *A sociedade de hiperconsumo*, p. 49.

³⁹ MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 3.

⁴⁰ MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 4.

⁴¹ MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 4.

⁴² MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 5.

⁴³ MARTINS. *As práticas da cultura digital*, p. 8.

Thompson acerca de possíveis impactos dos processos de globalização dos meios e comunicação sobre a tradição, incluindo os digitais:

Mas estes desenvolvimentos enfraquecem a tradição? Não, necessariamente. Pois as tradições transmitidas oralmente continuaram a desempenhar um papel importante na vida cotidiana de muitos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação. A mediatização da tradição dotou-lhe de uma nova vida: a tradição se libertou das limitações da interação face a face e se revestiu de novas características. A tradição se desritualizou; perdeu sua ancoragem nos contextos práticos da vida cotidiana. Mas o desenraizamento das tradições não as privou dos meios de subsistência. Pelo contrário, preparou-lhes o caminho para que se expandissem, se renovassem, se enxertassem em novos contextos e se ancorassem em unidades espaciais muito além dos limites das interações face a face.⁴⁴

Sem dúvida, reflexões como essa nos permitirá avaliar as implicações da produção e veiculação de poemas tidos como “literatura de cordel” frente a procedimentos tradicionais. Conforme apontado na “Introdução”, o portal *Recanto das Letras* (<https://www.recantodasletras.com.br/>) tornou-se um autêntico espaço de produção e divulgação de literatura nos mais diversos gêneros, oferecendo oportunidades de circulação digital de textos para autores e autoras que, muitas vezes, não possuem acesso ao mercado editorial. Alguns exemplos de poemas de cordel que tomam por tema o futebol na era das plataformas digitais, publicados no portal *Recanto das Letras*, são *Cristiano Ronaldo x Messi* (2012), postado por Eryka Giuliane em 16 de março de 2012, *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino* (2014), postado por Sírlia Lima em 23 de junho de 2014, e *Messi e a final da Copa de 2022* (2022), postado por Julio Augusto em 20 de dezembro de 2022, os quais selecionamos para formar nosso corpus de análise.

Nos anos 1990, Raymond Cantel já havia apontado para o interesse de corde-listas no tema do futebol, ao afirmar que “[o] futebol é o único esporte que chama a atenção dos poetas do ‘cordel’ e apenas em ocasiões especiais, quando a Seleção Brasileira vence o campeonato mundial, por exemplo, quando aparecem numerosos folhetos fazendo vibrar os acordes patrióticos”.⁴⁵ Entretanto, a seguinte afirmação

⁴⁴ THOMPSON. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*, p. 160.

⁴⁵ CANTEL. *La littérature populaire brésilienne*, p. 73; tradução nossa. No original:

do pesquisador francês demanda reflexão sobre sua pertinência quando pensamos tanto no futebol globalizado, quanto na veiculação de poemas tidos como “literatura de cordel” em plataformas digitais: “Geralmente, são composições medíocres inspiradas em jornais. O mundo dos poetas de cordel quase não tem relação direta com o das grandes equipes internacionais” (CANTEL, 1993, p. 73; tradução nossa).⁴⁶ Os exemplos a seguir demonstram que esse quadro mudou desde então.

O primeiro poema analisado é *Cristiano Ronaldo x Messi* (2012), de Eryka Giulyane. De acordo com informações disponíveis na aba “Autor” do portal *Recanto das Letras*, Eryka Giulyane reside no município de Sátiro Dias, na Bahia, e é professora, pós-graduada em Educação Infantil e Ludopedagogia, já tendo publicado poemas em algumas antologias, entre elas, *O que é que a Bahia tem?* (Litteris, 2009), *Letras do Junco* (Seleção de Luiz Eudes, 2011) e *O Amor e os seus Predicados* (Litteris, 2017). Quanto ao poema de sua autoria, em termos formais, ele apresenta 08 estrofes (sextilhas), métrica com 07 sílabas poéticas (redondilha maior), com variações em 06 sílabas, e rimas nos versos pares, segundo a estrutura a-b-c-b-d-b. Portanto, podemos constatar que o número de estrofes é bem reduzido, pois, segundo a tradição, folhetos “noticiosos”, como neste caso, costumam ter de 32 a 64 estrofes. Além disso, em termos de métrica a redondilha maior sofre algumas variações em determinados versos, o que também não é comum em folhetos de circulação tradicional. Além de ser veiculado em uma plataforma digital, o poema não possui capa e/ou contracapa, como um folheto tradicional, de modo que os paratextos limitam-se ao título, ao perfil da poeta e à data de postagem. Tomemos as seguintes estrofes como exemplos que ratificam nossas considerações analíticas:

Cristiano Ronaldo é
Um jogador profissional
Não só nesses gramados...
Te falo de algo mais carnal
É um ser muito galático
E é difícil se ver igual.

Le football est le seul sport qui retienne l'attention des poètes du cordel et seulement dans les grands occasions, quand l'équie du Brésil remporte le championnat du monde, par exemple Alors paraissent de nombreuses brochures qui foint vibrer la corde patriotique.

⁴⁶ CANTEL. *La littérature populaire brésilienne*, p. 73; tradução nossa. No original: *Généralement ce sont des compositions médiocres inspirées par les journaux. Le monde des poètes du cordel n'a guère de rapports directs avec celui des grandes équipes internationales.*

Messi sempre foi o melhor
 E não tem comparação
 Pelo time Barcelona
 Muito já foi campeão
 Duvido que o Ronaldo
 Tenha tanto medalhão.⁴⁷

O poema *Cristiano Ronaldo x Messi*, embora possua outro suporte e circulação distinta dos procedimentos tradicionais dos folhetos de cordel, não deixa de dialogar com a tradição quanto a ciclos temáticos que se pautam por noções como “disputa”, “duelo”, “contenda”, “discussão” etc., um dos ciclos apontados por Ivan Cavalcanti Proença,⁴⁸ algo que se deve também ao próprio cancionero popular e às “pelejas” de repentistas e poetas. Podemos encontrar exemplos desse ciclo temático em folhetos como *Peleja de Garrincha com Pelé* (1965), de Antônio Teodoro dos Santos, *O duelo do galo e da raposa* (197-), de Jota Rodrigues, *Peleja de um cantador de côco com o diabo* (197-), de José Pachêco, *Duelo violento Vasco x Flamengo* (19--), de Pedro Lara, e *Discussão de José Martins com Artur Pereira* (19--), de José Martins dos Santos. No âmbito do futebol e do esporte em geral, isso se deve ao próprio caráter agonístico das disputas. No caso específico do poema de Eryka Giulyane, duas célebres figuras do futebol são eleitas como protagonistas que são decantadas em versos.

Por sua vez, cabe ressaltar que, ao considerarmos o ano de 2012, em que o poema foi postado, podemos situar ambos os craques no contexto de conquistas. Até aquele ano, Messi havia sido campeão de *La Liga*, o campeonato espanhol, pelo F.C. Barcelona nas temporadas 2004/2005, 2005/2006, 2008/2009, 2009/2010, e 2010/2011; Messi também conquistou a Supercopa da Espanha nas temporadas 2005, 2006, 2009, 2010, e 2011; o craque argentino também foi protagonista nas conquistas da *Champions League*, a liga dos campeões da UEFA, nas temporadas 2005/2006, 2008/2009, e 2010/2011; outros títulos conquistados por Messi até 2012 com o F.C. Barcelona foram a *Copa de Su Majestade el Rey* nas temporadas 2008/2009 e 2011/2012, a Supercopa da UEFA em 2009 e 2011, e da Copa do Mundo de Clubes da FIFA, em 2009 e 2011. Além disso, até 2012, Messi ganhou sua primeira “Bola de Ouro” no Prêmio *Balon d’Or*, patrocinado pela revista francesa *France*

⁴⁷ GIULYANE. *Cristiano Ronaldo x Messi*, s/p.

⁴⁸ PROENÇA. *A ideologia do cordel*, p. 47.

Football, em 2009, também obteve conquistas de destaque com a Seleção Argentina: a Copa do Mundo FIFA Sub-20 em 2005, disputada nos Países Baixos, e a Medalha de Ouro na Olimpíada de Beijing, em 2008, com a Seleção Argentina Sub-23.

A galeria de troféus de Cristiano Ronaldo também atesta uma série de conquistas até 2012: pela equipe inglesa Manchester United, a *FA Cup*, Copa da Inglaterra, na temporada 2003/2004, a *Carling Cup*, Copa da Liga Inglesa, nas temporadas 2005/2006 e 2008/2009, a Premier League, o *Campeonato Inglês*, nas temporadas 2006/2007, 2007/2008 e 2008/2009, a Supercopa da Inglaterra em 2007, a *Champions League*, Liga dos Campeões da UEFA, na temporada 2007/2008, e a Copa do Mundo de Clubes da FIFA em 2008; pela equipe espanhola do Real Madrid, a *Copa de Su Majestad el Rey* na temporada 2010/2011, a *La Liga*, o campeonato espanhol, na temporada 2011/2012, e a Supercopa da Espanha em 2012. Além disso, Cristiano Ronaldo ganhou sua primeira “Bola de Ouro” em 2008. O fato de ter se transferido do futebol inglês para o futebol espanhol, tornando-se um integrante do time de “galáticos”, fez com que se estabelecesse não só a relação de comparação com Messi, como também potencializou a rivalidade entre Real Madrid e F.C. Barcelona, rivalidade essa que vai muito além das quatro linhas e que possui um longo histórico.

Portanto, Eryka Giulyane elege esses dois astros do futebol globalizado e mercantilizado, para enaltecê-los em seus versos, não só por aspectos associados ao desempenho técnico, como também por suas imagens midiáticas, como é o caso das seguintes estrofes:

Muito pouco me importa
A quantidade de trofeis
A preferência por Ronaldo
Assume em mim outros papeis
Ele é vitaminado
Desde a cabeça aos pés.

É pra isso que te digo
De salto é que vai jogar
Fazendo pose para foto
Pouco sabe conquistar
Messi dribla e arrasa
Está em primeiro lugar!⁴⁹

⁴⁹ GIULYANE. *Cristiano Ronaldo x Messi*, s/p.

Entretanto, constatamos nessas estrofes duas vozes que se fazem presentes, como se discutissem sobre quem seria melhor, Cristiano Ronaldo ou Lionel Messi. Isso se evidencia também nas duas últimas estrofes do poema:

Meu amigo sabe de uma
Vamos parar de brigar
Sendo um ou sendo o outro
O importante é jogar
Apesar que o CR7
é sempre o que vai ganhar!

É verdade meu amigo
Deixe dessa confusão
Ao invés de se avechar
Ligue a televisão
Para a gente ver o Messi
Dar um show com esse bolão!⁵⁰

Ao final, a “briga” e a “confusão” entre os amigos é superada pelo tom conciliatório, embora cada um permaneça enaltecendo um dos craques.

Por sua vez, o segundo exemplo de análise é o poema *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino* (2014), postado na plataforma *Recanto das Letras* por Sírlia Lima em 23 de junho de 2014, durante a Copa do Mundo no Brasil. De acordo com informações disponíveis na aba “Autor”, a poeta Sírlia Sousa de Lima (*1967) é original de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, onde reside. Pedagoga e Especialista em Educação Infantil, Sírlia Lima figura ativamente na cena literária em sua terra natal, integrando o Movimento Feminino de Mulheres Cordelistas, o Cordel das Rosas, a Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore (CNRFF) e a Academia Clube da Poesia Nordestina. O poema laudatório dedicado a Neymar Junior guarda traços formais que evidenciam sua relação com a tradição do cordel: dos três poemas analisados neste breve estudo, é o único que apresenta número elevado de estrofes, ao todo, 33, em sextilhas, além de manter a métrica em redondilha maior, com sete sílabas poéticas, embora ocorram algumas variações, e também as rimas nos versos pares, segundo a estrutura a-b-c-b-d-b. Ele se apresenta como poema “noticioso”, referindo-se a Neymar Junior e a sua estreia na Copa de 2014, no Brasil,

⁵⁰ GIULYANE. *Cristiano Ronaldo x Messi*, s/p.

como maior esperança para que a Seleção Brasileira conquistasse o tão sonhado Hexacampeonato em casa. Todavia, como os demais, o poema de Sírliá Lima apresenta como paratextos apenas o título, o subtítulo, o perfil da poeta e a data de postagem. Sua circulação se dá por meio da plataforma digital. A título de exemplo, selecionamos duas estrofes que ratificam nossas considerações gerais sobre o poema *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*:

PREZADOS LEITORES
VOU FALAR COM EMOÇÃO
DESTE JOVEM QUE É PROMESSA
AO FUTURO DA NAÇÃO
NÃO SÓ POR SEU TALENTO
E POR SUA VOCAÇÃO
[...]
AO ESTREAR NA COPA
FEZ GRANDE ATUAÇÃO
DIZENDO A QUÊ VEIO
ACALMANDO O CORAÇÃO
MOSTRANDO QUE O BRASIL
VAI SER HEXA CAMPEÃO⁵¹ (caixa alta no original).

Assim como procedemos em relação ao poema *Cristiano Ronaldo x Messi* (2012), de Eryka Giulyane, contextualizaremos tanto o desempenho de Neymar Junior, quanto especificamente a partida de estreia da Seleção Brasileira no Mundial de 2014. De 2009 a 2013, Neymar Junior havia defendido as cores do Santos Futebol Clube, que o revelara para o futebol. Foi um período de grandes conquistas para o “alvinegro praiano”, como reza um dos versos do hino do clube, tendo Neymar Junior como principal estrela da companhia: o Campeonato Paulista em 2010, 2011 e 2012; a Copa do Brasil em 2010, a Copa Libertadores da América em 2011, e a Recopa Sul-Americana em 2012. Há anos almejado pelo Real Madrid e pelo Barcelona, o craque promissor acabou por se transferir para o clube da Catalunha em 2013, onde se sagrou campeão da Supercopa da Espanha naquele ano. Com a Seleção Brasileira Sub-20, o jogador sagrou-se Campeão Sul-Americano em 2011, e também Campeão da Copa das Confederações FIFA em 2013.

Portanto, Neymar Junior se alçava como um jogador promissor na galeria de craques do futebol globalizado e mercantilizado, que tinha como suas estrelas maio-

⁵¹ LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

res Cristiano Ronaldo e Lionel Messi. Sem dúvida, o significado que o jogador assumia para a Seleção Brasileira, veiculado também de maneira intensa pela imprensa e pelas redes sociais, serviu de inspiração para que a poeta potiguar Sírliã Lima dedicasse seus versos àquele que figurava como esperança para uma nova conquista. O próprio subtítulo do folheto sintetiza tal significado: *o tempo e o destino de um guerreiro menino*. Além de indicá-lo como um “menino”, jovem promessa aos 22 anos de idade em 2014, este é um “guerreiro” de seu “tempo”, cujo “destino” seria uma carreira de triunfos, que passaria também por conquistas com a Seleção Brasileira.

Nas duas estrofes citadas anteriormente, constatamos que a poeta enaltece em seus versos o desempenho de Neymar Junior no jogo de estreia da Seleção na Copa, precisamente, em 12 de junho de 2014, pelo Grupo A, em partida disputada no Estádio Neo Química Arena, em São Paulo, contra a Seleção da Croácia, terminando com o placar de 3x1, com gols de Neymar (2x) e de Oscar para a Seleção Brasileira, e de Marcelo, contra, para a Seleção Croata. O *ethos* da instância poética é de “EMOÇÃO”, diante do desempenho “DESTE JOVEM QUE É PROMESSA” por “TALENTO” e por “VOCAÇÃO”, que agiu “ACALMANDO O CORAÇÃO”, pressupondo-se que os corações estivessem aflitos antes da partida. Termos como “NAÇÃO” e “BRASIL” expressam a ideia de unidade que, na prática, a partir de 2013 cindiria a sociedade brasileira profundamente em termos políticos e culturais. O *ethos* da instância poética também se constrói a partir do posicionamento em relação à discussão sobre a realização da Copa no Brasil, conforme revelam as seguintes estrofes:

MESMO DISCORDANDO
DESSA COPA NO BRASIL
NÃO QUERO SER DO CONTRA
NÃO QUERO SER HOSTIL
MAS O BRASIL NÃO DÁ CONTA
DE SUA POPULAÇÃO CIVIL

NÃO QUERO VER O BRASILEIRO
SER TRATADO COMO RIFA
SENDO O POVO ESCRAVIZADO
PELOS CARTOLAS DA FIFA
QUE PROCURA VOLUNTÁRIO
DE IDIOTA AINDA GRIFA⁵² (caixa alta no original).

⁵² LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

Nesse sentido, é interessante notar que, na estrofe seguinte, seus versos ganham tom premonitório, que, nos anos seguintes, se concretizaria na prática:

TENHO MEDO DO FUTURO
QUE EM BREVE NOS ESPERA
SEI QUE OS ROMBOS DA COPA
VAI ABRIR GRANDE CRATERA
NESSE PAÍS QUE AGONIZA
VAMOS ENFRENTAR A FERA⁵³ (caixa alta no original).

Os versos de *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino* não deixam de expressar também o futebol globalizado e mercantilizado, em que o craque brasileiro figura como um de seus maiores exemplos de sucesso em termos financeiros:

VAMOS DEIXAR O DINHEIRO
FORA DO NOSSO DESTAQUE
O QUE IMPORTA É FALAR
DE NEYMAR NOSSO CRAQUE
QUE JÁ VENCEU NA VIDA
NÃO HÁ QUEM CONTRA-ATAQUE

JÁ GANHOU TANTO DINHEIRO
QUE VISLUMBRA UM FUTURO
SE SOUBER APLICAR
NÃO VAI SER UM CARA DURO
MESMO SENDO JOVEM
É BOM QUE SEJA SEGURO⁵⁴ (caixa alta no original).

A expectativa de conquista do Hexacampeonato pela Seleção Brasileira, nutrida e renovada a cada Mundial desde 2006, ao final, é retomada, não obstante o tom de crítica ao futebol como “ópio do povo” e à realização da Copa no Brasil:

QUERO DIZER QUE ACREDITO
NA FORÇA DA JUVENTUDE
TAMBÉM SOU PATRIOTA
O FUTEBOL NÃO ME ILUDE
QUE O BRASIL POSSA VENCER
E QUE DEUS NOS AJUDE⁵⁵ (caixa alta no original).

⁵³ LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

⁵⁴ LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

⁵⁵ LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

Em suma: o poema *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino* traz uma série de elementos que constroem o protagonista como jovem celebridade do esporte, que, para além das quatro linhas, procura projetar sua imagem nas redes sociais e levar uma vida de festas, como nos versos “NEYMAR GOSTA DE FARRA/ COMO OS JOVENS DE SUA IDADE”.⁵⁶ Sem dúvida, o poema de Sírlia Lima guarda relação íntima com a tradição do cordel. Não obstante ter sido publicado em uma plataforma digital, por sua constituição formal e temática, bem poderia ter sido impresso, demandando para tal apenas o acréscimo de paratextos, como capa e contracapa.

Posto isto, passemos ao nosso terceiro e último exemplo de poema de cordel que contempla o tema do futebol, publicado no portal *Recanto das Letras*, intitulado *Messi e a final da Copa 2022 (2022)*, de Julio Augusto, postado em 20 de dezembro de 2022. De acordo com informações disponíveis na aba “Autor”, apenas recentemente esse jovem poeta, que desde os 12 anos de idade compunha canções, descobriu sua verve literária em pleno isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, que assolou o mundo. Original do estado do Ceará, o poeta é filiado à União Brasileira de Trovadores (UBT), sessão Aracoiaba, no Ceará e considera-se trovador e cordelista. De todos os três exemplos que integram o corpus de análise do presente estudo, este é aquele que mais destoa da tradição dos folhetos de cordel: além de apresentar apenas 08 estrofes, estas não são sextilhas ou septilhas, mas sim quadras, estrofação não tão comum para os folhetos, mas muito presente nas “pelejas” do cancioneiro popular, embora mantenha a métrica com 07 sílabas poéticas (redondilha maior), com variações em 06 sílabas, e rimas cruzadas na estrutura a-b-a-b. Trata-se de um poema “noticioso”, como os demais, pois se refere a um evento – a Copa de 2022 no Qatar – e a um jogo em especial – a partida final reunindo as seleções da Argentina e da França, em que teria brilhado a estrela do craque argentino Lionel Messi. Quanto aos paratextos, o poema apresenta apenas o título, o perfil do poeta e a data de postagem, e sua circulação se dá pela referida plataforma digital, de modo semelhante aos demais poemas analisados até aqui. A título de exemplo que confirmam estas considerações, selecionamos duas estrofes:

Não torço pela Argentina

⁵⁶ LIMA. *Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino*, s/p.

Mas sim por Lionel Messi
Que jogar bem é rotina
e esta copa ele merece

Cada time bem treinado,
jogo bonito se vê ...
de um lado, Messi inspirado,
do outro, craque Mbape!⁵⁷

Nota-se, pois, que o *ethos* da instância poética se constitui como um torcedor de celebridade, algo muito comum na era do futebol globalizado e mercantilizado. Torce-se, por exemplo, pelo Liverpool, porque o craque egípcio Mohammed Salah joga no clube, ou pelo Manchester City, porque o norueguês Erling Haaland, o “Cometa Haaland”, é um de seus craques. Mas, nesse poema, não se trata de clubes, mas sim de seleções, em que a rivalidade Brasil x Argentina faz com que o poeta não torça por esta última, mas vibre com um triunfo pessoal de Messi. Ele não deixa de reverenciar Kylian Mbappé (grafado como Mbape no poema), craque da Seleção Francesa e do Paris Saint-Germain, portanto, companheiro de Messi, que se transferira do F.C. Barcelona para o clube da capital francesa em 2021.

A partida final da Copa do Qatar, disputada em 18 de dezembro de 2022 no Estádio Nacional de Lusail, colocou frente a frente os dois astros do Paris Saint-Germain em uma disputa acirrada, que terminou empatada em 2x2 nos 90 minutos e 3x3, na prorrogação, sendo que Mbappé marcou os três gols da França, e Messi marcou dois gols pela Argentina, que contou também com um gol de Ángel Di Maria. Na decisão por pênaltis, dois jogadores franceses desperdiçaram suas cobranças – Kingsley Coman e Aurelién Tchouaméni, levando a Seleção Argentina a conquistar o Tricampeonato Mundial. Além de Messi, que abriu a sequência de cobranças, converteram os pênaltis os jogadores Paulo Dybala, Leandro Paredes e Gonzalo Montiel. Os seguintes versos resumem a disputa nos 90 minutos, com destaque para os gols de Mbappé, aos 80 e aos 81 minutos, que decretaram o empate:

Quase perto do final
por dois gols França perdia,
e sequer dava um sinal
que um dia reagiria.

⁵⁷ AUGUSTO. *Messi e o final da Copa*, s/p.

Foi Mbape (*sic*) quem marcou
e puxou uma reação;
de dois a dois empatou
e levou à prorrogação!⁵⁸

Nas estrofes seguintes, o mesmo quadro se repete durante a prorrogação: Argentina em vantagem, com gol de Messi no 108º minuto, e França em busca do empate, assinalado por Mbappé no 118º minuto, de pênalti:

Na prorrogação, a França
sofre mais um revés!
Para Argentina, esperança
gol de Messi com seus pés.

Quando o juiz colocou o apito
na boca para acabar...
jogo quase perdido
Pênalti para empatar⁵⁹

Por sua vez, as duas últimas estrofes do poema apresentam o quadro “Após a partida”, quando há a cobrança de penalidades máximas e o desfecho triunfal de Messi e de seus companheiros, que levaram a Seleção Argentina ao triunfo máximo, após 36 anos:

Muitos anos sem a taça,
Argentina vai à luta!
França, que tanto ameaça,
nos pênaltis, perde a disputa.

Com técnica sem igual,
Messi, da Argentina, encanta.
É campeão mundial,
Taça do mundo levanta.⁶⁰

Portanto, megaeventos esportivos como a Copa do Mundo FIFA e celebrações do esporte em geral e, do futebol em especial, continuam a ser fontes de inspiração para que poetas componham seus versos. No caso específico de *Messi e a final da Copa 2022*, postado na aba “cordel” do portal *Recanto das Letras*, constata-se que sua relação, em termos formais, com esse gênero da poesia popular é mais

⁵⁸ AUGUSTO. *Messi e o final da Copa*, s/p.

⁵⁹ AUGUSTO. *Messi e o final da Copa*, s/p.

⁶⁰ AUGUSTO. *Messi e o final da Copa*, s/p.

distante, se comparado aos outros dois. É de se supor que, conforme indicado anteriormente, a equipe da plataforma não tenha alterado a classificação desse poema, conforme reza sua política editorial, uma vez que os conteúdos são postados diretamente pelos usuários da plataforma e publicados automaticamente, sem que haja avaliação prévia.⁶¹ Mas é importante salientar que, como experiente poeta e trovador, certamente, Julio Augusto estabelece relações, em termos de composição, com o cancionero popular.

CORDEL, ENTRE TRADIÇÃO E GLOBALIZAÇÃO – À GUIA DE CONCLUSÃO

O presente estudo evidenciou mudanças significativas na concepção do que seja o gênero “cordel” em termos tradicionais frente à criação poética de textos veiculados em plataformas digitais e publicados sob tal rubrica. Inegavelmente, os acervos digitais, que tanto têm garantido a pesquisadores o acesso a milhares de folhetos publicados ao longo de décadas, com destaque para a Cordelteca, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular,⁶² também são constituídos em forma de plataformas digitais. Além disso, diversos cordelistas criaram suas páginas na Internet, para divulgarem seu trabalho e comercializarem seus folhetos, como, por exemplo, Francisco Diniz e Valentim Quaresma,⁶³ e Olegário Alfredo (Mestre Gaio;).⁶⁴ A Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) também disponibiliza cordéis digitalizados e comercializa cordéis impressos em sua página oficial.⁶⁵

Entretanto, o caso aqui enfocado, do portal *Recanto das Letras* e os três poemas que contemplam o tema do futebol e formam o corpus de análise, nos permitiu uma série de reflexões sobre o próprio estatuto do “cordel” a partir de sua tradição, e de como ele figura na era da globalização, seja em termos formais, seja em termos de conteúdo temático. Pensarmos o próprio “cordel” como o varal em que os folhetos eram exibidos “a cavalo” sobre ele dá a dimensão que esse termo ga-

⁶¹ RECANTO DAS LETRAS. Política Editorial, s/d.

⁶² Conf.: CNFCP; http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=65.

⁶³ <https://www.projetocordel.com.br/2021/sobrenos.php>.

⁶⁴ <http://www.olegarioalfredo.com.br>.

⁶⁵ <https://ablc9.wordpress.com/sobre-nos>.

nhou como designação de um gênero da poesia popular que dialoga com o cancionero, bem diferente quanto ocupa o espaço da plataforma digital.

Se, por um lado, tais poemas procuram manter, mesmo que parcialmente, alguns componentes da estrutura tradicional dos folhetos, com estrofação em sextilhas, versificação em redondilha maior, com sete sílabas poéticas, e rimas a-b-c-b-d-b, por outro, eles contemplam temas do futebol na era global, com suas celebridades, como Cristiano Ronaldo, Lionel Messi e Neymar Júnior. O próprio termo “cordel”, neste caso, suscita reflexão sobre a pertinência de ser aplicado a poemas veiculados em plataformas digitais como a aqui estudada. A diferença de suportes – por um lado, o folheto composto a partir da dobradura do papel e, por outro, a página virtual – potencializa toda uma gama de aspectos, com implicações tanto em termos formais e estéticos – a ausência de capa ou contracapa, por exemplo, quanto em termos de circulação – o “folheteiro” da tradição no contato “face a face”, como diz John B. Thompson, dá lugar à recepção imediata e sem contato com os poetas, que pode ser efetuado, por exemplo, por outra ferramenta em rede, como o “chat” ou a aba “comentários”.

Todavia, devemos ter em mente que, como bem define Caroline Kraus Luvizotto,⁶⁶ o conceito de “tradição” deve ser pensado em sua dinâmica, e não como algo estático. Além disso, no caso específico do cordel, em dias atuais, convivem tanto poemas tradicionalmente impressos, que seguem padrões tradicionais passados de geração em geração em termos de composição e de circulação, quanto poemas que adentram o universo digital, igualmente com suas especificidades de veiculação e de recepção. Os três exemplos aqui analisados demonstram que pode haver, por assim dizer, uma gradação quanto à proximidade ou ao afastamento da tradição, mas, em termos culturais, alguns aspectos se impõem como distinção categórica entre o local e o global: a comercialização e a recepção a partir de performance oral tradicional, cujas raízes remontam às feiras populares dos grandes centros urbanos e de outras localidades do sertão nordestino.

Em 2018, a Literatura de Cordel foi registrada como patrimônio cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Como

⁶⁶ LUVIZOTTO. A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia, p. 65.

bem aponta Rosilene Alves de Melo, “foi o resultado de um longo processo que envolveu diversos agentes – poetas e suas entidades representativas, intelectuais, instituições de pesquisa e o próprio IPHAN”.⁶⁷ O presente artigo demonstrou que pensar sua relação entre tradição e globalização pode suscitar importantes inferências sobre esta que é uma das mais ricas manifestações da arte e da literatura popular em versos, “uma fonte inesgotável de conhecimento histórico”.⁶⁸

* * *

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Julio. Messi e o final da Copa 2022. **Recanto das Letras**. 20 dez. 2022. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/7676462>. Acesso em: 22 set. 2023.
- BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos Culturais: o que e o como da investigação. *Carnets. Revue électronique d'études françaises de l'APEF*. Première Série – 1 Numéro Spécial, p. 451-461, jun. 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/carnets/4382>. Acesso em: 30 out. 2023.
- BRITO, Antonio Iraldo Alves de Brito. **Patativa do Assaré**: porta-voz de um povo – as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010.
- CANTEL, Raymond. **La littérature populaire brésilienne**. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines, 1993.
- COSTELLA, Antonio Fernando. Literatura de cordel e xilogravura. In: COSTELLA, Antonio Fernando. **Breve história ilustrada da xilogravura**. Campos de Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 2016, p. 60-65.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2003.
- GYULIANE, Érika. Cristiano Ronaldo x Messi. **Recanto das Letras**. 16 mar. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3444295>. Acesso em: 22 set. 2023.
- LIMA, Sirlia Sousa de. Neymar Junior: o tempo e o destino de um guerreiro menino. **Recanto das Letras**. 23 jun. 2014. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/4855480>. Acesso em: 22 set. 2023.

⁶⁷ MELO. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil, p. 246.

⁶⁸ MENESES. A literatura de cordel como patrimônio cultural, p. 237.

LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade do hiperconsumo. In: LIPOVETZKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 23-59.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia. In: LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 65-79.

MARTINS, Aulus Mandagará. Poesia, experiência e autobiografia: João Cabral e a “Descoberta da literatura”. **Texto Poético**. v. 14, n. 25, p. 469-481, 2018.

MARTINS, Dalton Lopes. As práticas da cultura digital. In: ROCHA, Cleomar; MOURA, Magali Guedes de Magela (orgs.). **Cultura digital e economia da cultura**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018, p. 2-8.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MELO, Rosilene Alves de. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Brasil, n. 72, p. 245-261, 2019.

MELO NETO, João Cabral de. Descoberta da literatura. In: MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 447-448.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Dossiê: Cordel e patrimônio. São Paulo, n. 72, p. 225-244, 2019.

MEYER, Marlyse. Literatura de cordel: muitas histórias, muita poesia... In: MEYER, Marlyse (org.). **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980, p. 3-5.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Imago, Brasília: INL, 1976.

SLATER, Candace. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil**. Trad. Octacílio Alves Velho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. (título original: *Stories on a String: The Brazilian Literatura de Cordel*; 1982).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. trad. Wagner de Oliveira Brandão; ver. Leonardo Avritzer, Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

* * *

Recebido em: 09 nov. 2023.
Aprovado em: 28 mar. 2024.